

XIème Rendez-vous de l'Internationale des Forums VIIème Rencontre Internationale de l'Ecole de Psychanalyse des Forums du Champ Lacanien

09-12 JULIO | 2020

Paseo La Plaza - CABA
Av. Corrientes 1660

Buenos Aires
Argentina

Tratamentos do corpo na nossa época e na psicanálise

María Claudia Domínguez

O ato do analista e seus efeitos sobre o corpo.

Para abordar o tema do tratamento do corpo é preciso ter bem claras quatro questões fundamentais: a especificidade do trauma normal, ou seja, qualquer incidente com o qual um sujeito pode se encontrar na vida; o trauma sexual, sobre o qual Freud se deteve para ilustrar a particularidade da verdade que está na base da fobia e da neurose no sujeito e, finalmente, as duas últimas questões cruciais do último período do ensino de Lacan: a relação com *lalíngua*, quer dizer, um real de gozo opaco que está na base dos sintomas. Podemos dizer que o verdadeiro trauma do sujeito é exatamente sua relação com *lalíngua*, da qual deriva a quarta questão fundamental: trata-se da ilusão da existência da relação sexual que alimenta a fantasia. A fantasia pode parecer, às vezes, delirante e é somente ao longo do trabalho de uma análise que se pode circunscrever o “*negro*” do próprio gozo. Daí deriva a definição de corpo de Lacan no seminário XX, “*O ser é o gozo do corpo como tal*”. (1)

O tema que entreteve as discussões entre Lacan e Chomsky nos Estados Unidos, qual seja, o corpo é a linguagem, os colocava a dura prova.(2) Chomsky afirmava que o corpo era como um real genético provido de órgãos e que a própria linguagem era um deles. Segundo Lacan, ao contrário, a linguagem se sustenta de sua função de furo no Real. O corpo não é primário, mas tem que operar uma negativização do gozo pela via do significante, um Um que se faz menos Um para deduzir o zero. Negativização que permite deixar fora o que é impossível de representar e que não é exatamente um órgão, como o quiseram Crick e Watson. É por causa de um desejo que fez nascer uma palavra que o órgão ou o corpo se desertifica de gozo e pode falar. Como? Através dos sintomas. Lacan o evoca quando propõe a tese “O real, direi, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”.(3)

As técnicas de tratamento do corpo atuais, na verdade, são técnicas do significante Amo, quer dizer, técnicas que põem o corpo em uma ordem significante. (4)

Lacan define algumas técnicas, como a de Joyce, *técnicas do artesanato*. Joyce estava bastante oprimido por seu pai. Isso se vê em Ulisses, naquilo ele tem que sustentar com sua arte, fazendo-se, assim, *artesanato* de uma ordem. Ele tenta criar um sentido.

A Psicanálise também é uma técnica que afeta o corpo, mas ela não promove nenhuma ordem para o sujeito, antes cria um enigma sobre o desejo. As variadas técnicas

funcionam como a dos *artesãos*, (5) encontrando seu humus nas ilusões. Outro artista, Felisberto Hernández, pertinentemente escreveu:

“Quem não acaricia, hoje, uma *meia* ilusão?”. O narrador trata de vender *meias* de mulher, e para conseguir, busca uma metáfora eficaz na qual o verbo acariciar toma outro sentido e se desdobra entre a ilusão e algo que acaricia as meias¹

O *artesão* tem uma concepção do saber como dogma, como na religião. Ele mesmo separa o saber da verdade do sujeito. (7)

A separação que Lacan estabelece entre saber e verdade, sem sabê-lo, se afasta daquilo que Freud esperava obter apontando a verdade sobre o trauma sexual. Para Lacan, de outro modo, se trata de aproximar-se da letra, limite do furo do impossível de saber, próprio do *parlêtre*. De fato, ele mesmo inventará o neologismo “*troumatisme*” para se referir ao trauma que fura o sujeito. A invenção dos nós permite mostrar os matizes da “*varité*” do sujeito; “*varité*” é outro neologismo, apto a sublinhar a variedade subjetiva da verdade sobre o furo no saber. Os nós são ideais para mostrar tanto que o gozo do Outro está fora da linguagem quanto que o gozo fálico está fora do corpo. (8)

Lacan, no discurso de 1967 à Escola freudiana de Paris, introduz o ato analítico, que ganha paulatinamente maior importância em sua doutrina até o final de seu ensino. É a partir de *L’Etourdit* que há que separar os ditos do analisante de seu dizer. O dizer é do registro da ex-sistência; em relação a esse dizer, é necessário que alguém seja encarnado, para que tenha um corpo.

Depois, segue para ele, na análise, o “período poema”, no qual sobre seu corpo se encarnam as marcas da análise.

Lacan o sustenta até o seminário *L’Insu...*, afirmando que o sujeito se toma por um Deus, ...quer dizer, produz S1, representado para outro significante. Isso tem um efeito de sentido que obtura tudo. O homem dorme, ele “*un-Bevue*”. Como no caso do sonambulismo. O sonâmbulo tem um inconsciente, e quando se desperta, pode sentir vertigem de seu passeio pelos telhados. O vacilar da fantasia na análise leva a astúcia do homem a recorrer à poesia. Evocando o fato de que “... com a poesia, que é efeito de sentido, mas também de furo: *‘não ha nada além da poesia... para permitir a interpretação’*”.(9)

No que diz respeito ao ato do analista e aos efeitos sobre o corpo, há que levar em conta que, para que haja ato há que haver desejo, ambos são inseparáveis. O ato não é somente a ação de um corpo. Lacan nos adverte de que o ato depende de seus efeitos. O ato é o efeito de um desejo, efeito de uma palavra, ainda que no momento do ato não haja palavras. A experiência da análise se funda seja o ato do analista e sob a transferência, como colocação em ato da realidade do inconsciente. Lacan se serve da expressão imiçção a propósito da diferença produzida pela introdução do significante, em seguida voltará a usar a mesma palavra para abordar a função do ato. Usa, ele mesmo, a expressão *intrusão do ato*, até chegar na sua fórmula “o psicanalista, interpretando, faz intrusão de um significante”(10). Izcovich é preciso na fórmula que propõe que a

1

□ Nota: Trata-se, em espanhol, da homofonia entre “*meia*” (a metade, um pouco de...) e as “*meias*” de uma mulher

interpretação e o ato analítico não são opcionais, é preciso que estejam presentes para favorecer a abertura do inconsciente. “Quanto a penetrar, fazer parecer, fazer ser, Lacan desdobra a escrita para por mais em relevo a dimensão do ser, produzida pelo fato de fazer a diferença. La *intrusão* toca o corpo até fazer efração do gozo” (11).

Há marcas sobre o corpo que se encarnam nele mesmo: a marca do pai, da repetição, do desejo, do exílio que fazem do sujeito um ser que fala, fazem dele um sujeito que fala sem saber. O que advém depois do trabalho de uma análise além da identificação ao sintoma?

Uma análise afeta o corpo. Há alguns S1 que são as marcas do sujeito que se produzem pela experiência de uma análise. (12).

María Claudia Domínguez

(Tradução: Ana Laura Prates/Revisão: Maria Claudia Formigoni)

1 Jacques Lacan (1972/1973) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.15.

2 Jacques Lacan (1975/1976) *O seminário, livro 23: o sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p.31.

3 Jacques Lacan (1972/1973) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.178.

4 Colette Soler. Los ensamblajes del cuerpo. Editor Asociación Foros del Campo Lacaniano de Medellín. 2006, pag.108

5 Jacques Lacan (1975/1976) *O seminário, livro 23: o sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p.23.

6 Felisbeto Hernández. Cuento: El Cocodrilo .<https://cuentosimperdibles.wordpress.com> 2012/10/08

7 Jacques Lacan (1971/1972) *O saber do psicanalista*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, p. 23.

8 Jacques Lacan. La Troisième, en Roma del 1 nov. 1974 del sito de Patrick Valas

9 Jacques Lacan. Le séminaire XXIV. L’Insu – que-sait de l’une... 17/05/77. Inédito del sito de Patrick Valas, p. 169

10 Luis Izcovich. L’identité, choix ou destin? Essai de psychanalyse. C. Nouages. Stílus.Paris. Mai 2019, pag. 139

11 Ibid. p.140

12 Luis Izcovich. Las marcas de una psicoanálisis. Ed. Universidad Pontificia Bolivariana. Medellín. 2013, p. 276